



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Signo, Desenho e Desígnio Para uma Semiótica do Design

Catarina Moura

Tese para obtenção do Grau de Doutor em
Ciências da Comunicação
(3º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor António Fidalgo

Covilhã, Outubro de 2011

Esta tese foi realizada com o apoio da

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Ao meu pai

Agradecimentos

Agradecer é ter a humildade de reconhecer o valor e a importância do outro. Outro que, tantas vezes, não é sequer consciente do que significou, de como se traduziram a sua presença ou a sua ausência, as suas palavras ou os seus silêncios, os seus gestos ou as suas omissões. Porque nenhum trabalho é apenas aquilo que aparenta ser. Não se trata de um mero conjunto de folhas polvilhadas de palavras. Não se trata simplesmente das horas investidas, das noites sem dormir, do entusiasmo, do cansaço, das vitórias, do desespero, da dúvida tão permanente que fica mesmo quando o damos por terminado. O trabalho é também a pessoa. E a pessoa é o resultado da vida que teve e tem. Do seu percurso. Da sua travessia. E de todos aqueles que nela e com ela se cruzaram. Naturalmente, serão muitas as pessoas importantes que, por constrangimentos óbvios, ficarão por mencionar. Ainda assim, agradeço:

Ao Prof. Doutor António Fidalgo, por ter aceite entrar comigo nesta aventura e, acima de tudo, pelo acto de fé que fez com que nela permanecesse, apesar de a tempestade nem sempre adivinhar a bonança. O mais sincero e sentido obrigado, pleno de admiração pela seriedade e valor académicos, mas, antes de tudo e mais que nada, pela pessoa que é e pelo amigo que conseguiu sempre ser.

Ao Prof. Doutor Marcial Murciano Martínez, pela generosidade com que aceitou acolher-me no LAPREC - *Laboratori de Prospectiva i. Investigació sobre Comunicació, Cultura i. Cooperació*, unidade de investigação que dirige na Universidade Autónoma de Barcelona, bem como pelo tempo e atenção que me dedicou durante o período em que tive o privilégio de ali poder estudar e trabalhar, na qualidade de investigadora convidada.

À Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), por ter acreditado na viabilidade deste projecto e financiado a sua concretização.

À Universidade da Beira Interior, pelo exemplo de persistência e resistência que demonstra ao continuar teimosamente a crescer na aridez de uma encosta cujos horizontes fechados só lhe acrescentam mérito.

Ao LabCom - *Laboratório de Comunicação On-line*, pelas portas sempre abertas, independentemente da hora a que eu quisesse ou precisasse de as abrir, e pelos recursos que prontamente disponibilizou ao longo de todos estes anos.

Aos amigos, os verdadeiros, do coração, que tiveram a sensibilidade de acompanhar sem pressionar, a generosidade de acarinhar e a capacidade de, mesmo nos momentos mais difíceis, me fazer sorrir; bem como a todas as pessoas que, pelo caminho, de uma forma ou de outra, fizeram alguma, muita e, por vezes, toda a diferença: Carolina Jesus, Pedro Homero, Cláudia Timóteo, Ana Maria Fonseca, Marisa Cardoso, Cristina Lopes (e as suas lindas Beatriz e Carolina), Nuno dos Santos, Alexandre Silva, Cláudia Sofia Moura, Luís Nogueira, Marta Teixeira, João Sardinha, Rodolfo Pinto Silva, Teresa Burzuri, Josep Samaranch, David Barba, Prof. Doutora Anabela Gradim, Prof. Doutora Águeda Simó, Prof. Doutor Joaquim Paulo Serra, Prof. Doutor Jorge Bacelar e Prof. Doutora Isabel Babo-Lança. Faltarão sempre nomes, mas que a justiça dos que constam compense, de algum modo, a injustiça feita aos que faltam.

À Ivone Ferreira, por ter partilhado a travessia com o optimismo que lhe é característico e que faz dela a óptima pessoa e amiga que é.

À Ludovina Ramos, por estar, acompanhar e compreender, pela constante generosidade e pelo eterno e contagiante bom humor.

Aos meus pais e restantes familiares, pelo apoio.

Ao Celso, meu queridíssimo irmão, por tudo.

Sem eles, muito ou pouco, bom ou mau, nada teria sido possível.

Obrigada.

Resumo

O objectivo basilar deste trabalho é analisar e problematizar a premissa de que estaríamos a entrar na *era do Design total*, procurando perceber e explicitar o sentido global desta afirmação e, conseqüentemente, os seus contornos enquanto possibilidade e as suas implicações na experiência do mundo e na relação com esse mundo - pressupondo, aqui, um impacto simultaneamente estético, ético e político. Para alcançar estas respostas, propõe-se trabalhar o Design a partir da Semiótica.

As ligações existentes entre Semiótica, Design e o mundo que, de diferentes modos, ambos assumem como objecto e material de trabalho, exigem-nos que tomemos estas duas disciplinas no seu sentido mais lato e abrangente. Sendo assim, o Design será entendido como vontade criadora para o mundo e a Semiótica como apropriação cognitiva do sentido desse mesmo mundo. Abordar o Design enquanto lugar de encontro entre o humano e o real e, simultaneamente, como triunfo do espírito sobre a matéria torna conseqüente tomá-lo como disciplina semiótica por excelência, pois há no Design uma invulgar e inegável eficácia simbólica, potenciada pela evolução tecnológica e conseqüentes alterações processuais.

A consideração do problema que o Design nos coloca na actualidade implica assimilar que a sua natureza projectual almeja actuar não só sobre o objecto, mas antes de tudo sobre o próprio mundo. Conseqüentemente, compreendê-lo exige que entendamos de que modo a técnica o assume como instrumento e forma na contemporaneidade, ou seja, de que modo o aparentemente imparável progresso tecnológico, aliado ao carácter abrangente e tendencialmente totalitário do Design, vai consolidando a hipótese de estarmos a caminhar para um mundo integralmente concebido, desenhado, determinado pelo ser humano, do mais ínfimo detalhe ao mais amplo ambiente.

Palavras-chave

Design, Semiótica, Estética, Interface, Híbrido, Utopia.

Abstract

The main purpose of this work is to analyse the hypothesis according to which we would be entering the *era of total Design*, aiming not only to understand and clarify the global sense of this statement (and, therefore, its implications in our experience of the world), but also assuming an impact simultaneously aesthetic, ethic and politic. To achieve these answers, we intend to study Design from a semiotic perspective.

The connections among Semiotics, Design and the world that, in different ways, they both assume as object and material, require us to look at these two fields from a broader angle. Therefore, Design is understood as creative willpower and Semiotics as cognitive appropriation of the meaning produced by the world. To see Design as a meeting platform between human being and reality, as well as the triumph of spirit over matter, makes it consequent to take it as a semiotic area, since there is an unusual and undeniable symbolic effectiveness in Design, result of its intrinsic ability to merge visible and invisible, the physical artefact with the mental process, in a two-way flux stimulated by the technological evolution and subsequent transformations.

To consider the problem that Design represents today means to assimilate that its projectual nature aims to act not only on objects, but first of all on the world itself. Therefore, to understand Design and its meaning demands us to appreciate how it became the instrument and shape assumed by technology today, i. e., how does the apparently unstoppable technological progress, allied to the totalitarian propensity of Design, seems to be consolidating the theory according to which we are at the edge of a totally engineered environment, completely designed and determined by the human being.

Keywords

Design, Semiotics, Aesthetics, Interface, Hybrid, Utopia.

Índice

	Índice Geral	Viii
	Lista de Figuras	X
	Abreviaturas	Xi
	Notações	Xii
	Introdução	1
1.	Problema	3
2.	Hipótese	5
3.	Trajectória	6
	SIGNO	13
1	A natureza do Design	14
1.1	Da palavra ao conceito	19
1.1.1	Um acto de transformação	27
1.2	Da <i>escrita</i> à <i>leitura</i> do mundo	29
1.2.1	A dupla matriz	33
1.2.2	<i>Dizer</i> o signo	39
1.3	De+Sign	47
1.4	Uma questão estética, ética e política	55
2	A estetização do quotidiano	63
2.1	Estética e Design: uma condição difusa	66
2.2	Fruição e cognição	73
2.3	A experiência como problema	76
2.4	Uma estética sem ética	80
2.5	O irracional da razão	84
2.6	Entre Apolo e Dionísio: um dilema axiológico	94
	DESENHO	98
3	<i>Frame(d)</i>	99
3.1	Do háptico no estético	108

3.1.1	Visualidade háptica	113
3.1.2	Plasticidade	115
3.1.3	Interactividade	116
3.2	Uma cultura das interfaces	117
3.3	Moldura, <i>medium</i> e mapa	123
3.3.1	A grelha	128
3.4	<i>O lado de cá e o lado de lá</i>	133
4	A lógica da visão	138
4.1	O <i>disegno</i> como mediação	141
4.2	A verdade na/da imagem	144
4.3	As imagens e as coisas	148
4.4	O apelo da ficção	150
	DESÍGNIO	154
5	<i>Imago Mundis</i>	155
5.1	O virtual como metáfora	160
5.2	O espaço navegável	166
5.3	A casa do futuro	170
5.4	Os dois lados do espelho	172
6	O desígnio do Design	178
6.1	O impulso utópico	183
6.1.1	Mundos (im)possíveis	186
6.1.2	Do outro lado do mundo	188
6.2	Devir (in)orgânico: a fabricação da vida	191
6.2.1	O corpo futuro	196
6.3	Visualidade e transcendência	202
6.4	À flor da pele	206
	Conclusão	212
	Bibliografia	223

Lista de Figuras

1	<i>Três mundos</i> M. C. Escher, 1955	xiii
2	<i>Estudo para uma máquina voadora</i> Leonardo da Vinci, c. 1488	12
3	<i>Logótipo da Bauhaus</i> Oskar Schlemmer, 1922	62
4	<i>A Flagelação de Jesus Cristo</i> Piero della Francesca, c. 1455-60	107
5	<i>Mapa Mundi</i> c. 1500	122
6	<i>Bíblia Poliglota</i> Impressa por Christopher Plantin, 1568-73	132
7	<i>Brunelleschi e Ghiberti apresentam a Cosimo I o modelo da igreja de San Lorenzo</i> (Fresco do <i>Pallazzo Vecchio</i> , em Florença) Giorgio Vasari, Séc. XVI	137
8	<i>Ceci n'est pas une pipe (La Trahison des Images)</i> René Magritte, 1928-29	153
9	<i>Relatividade</i> M. C. Escher, 1953	177
10	<i>Eduardo Mãos de Tesoura</i> Tim Burton, 1990	211
11	<i>Loch Katrine</i> William Henry Talbot, 1844	222

Abreviaturas

a.C.	antes de Cristo
AA.VV.	Autores vários
<i>Apud</i>	Citado por; conforme
c.	<i>circa</i> (cerca de)
Cf.	Conferir; confrontar
Cit.	Citado em
Coord.	Coordenação
d.C.	depois de Cristo
Ed.	Edição
<i>et al.</i>	<i>et alia</i> (e outros)
etc.	<i>et caetera</i>
ex.	exemplo
Fig.	Figura
<i>Idem</i>	Do mesmo autor
<i>Ibidem</i>	No mesmo lugar; na mesma página
<i>loc. cit.</i>	<i>loco citato</i> (lugar citado)
N. do T.	Nota do Tradutor
nº	número
<i>Op. Cit.</i>	<i>Opus Citatum</i> (obra citada)
Org.	Organização
p. / pp.	página / páginas
Séc.	Século
s/d	sem data
ss.	seguintes
Trad.	Tradução de
v.	ver; conferir
v.t.	ver também
Vol.	Volume

Notações

As fontes citadas no corpo de texto são identificadas com a aplicação de aspas duplas (“...”).

As citações até cinco linhas são incluídas no corpo de texto; quando ultrapassam esse limite, isolam-se em parágrafo próprio, aumentando-se-lhes a tabulação à esquerda e aplicando-se-lhes um tamanho de letra um ponto abaixo.

As palavras ou citações em língua estrangeira são colocadas em *itálico* tanto no corpo de texto como nas notas de rodapé.

Todas as citações cuja fonte original se encontre numa língua estrangeira serão incluídas no corpo de texto em português. Será aberta exceção a todos os casos em que se considere que a tradução possível não seria capaz de exprimir com fidelidade o sentido ou a qualidade estilística originais.

Salvo indicação em contrário, todas traduções são da responsabilidade da autora.

Optou-se por grafar a palavra Design com maiúscula ao longo de todo o texto, à exceção do seu enquadramento nalgumas citações, nas quais foi respeitada a opção do respectivo autor.

O sistema de citação adoptado segue o modelo da *American Sociological Association*, também conhecido como Sistema de Harvard.

A referência bibliográfica obedece aos critérios definidos pela ISBD (*International Standard Bibliographic Description*) e pela ISO (*International Standard Organization*), bem como às Regras Portuguesas de Catalogação.

Este trabalho não se encontra redigido de acordo com as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa entrado em vigor em Janeiro de 2009, ao abrigo do período de transição que permite que, até 2015, possa aplicar-se a grafia prévia ao referido Acordo.



Fig. 1
TRÊS MUNDOS
M. C. ESCHER
1955

Quem escreve (quem pinta, esculpe ou compõe música) sabe sempre o que faz e quanto lhe custa. Sabe que tem de resolver um problema. Pode acontecer que os dados iniciais sejam obscuros, impulsivos, obcecantes, nada mais que um desejo ou uma recordação. Mas depois o problema resolve-se à secretária, interrogando a matéria com que se trabalha - matéria essa que revela as suas próprias leis naturais, mas que ao mesmo tempo arrasta consigo a memória da cultura de que está imbuída (o eco da intertextualidade).

Umberto Eco

Levado pela minha desejosa vontade, vagueio para ver a grande cópia das várias e estranhas formas feitas pela natureza artificiosa, retorcendo-me ainda mais por entre os sombreados escolhos, cheguei à entrada de uma grande caverna, ante a qual, fiquei assaz estupefacto e ignorante de tal coisa, os meus rins dobrados em arco, e pousada a mão cansada sobre o joelho, e com a direita fiz sombra às pestanas baixas e fechadas; e continuamente dobrando-me aqui e ali para ver se dentro se discernisse alguma coisa; e isto vetando-me a grande obscuridade que lá dentro havia. E tendo estado <assim> demoradamente, súbito crescem em mim duas coisas: medo e desejo: medo pelo ameaçante e escuro antro, desejo de ver se lá dentro houvesse alguma coisa milagrosa.

Leonardo da Vinci